

| 341 | REDES SOCIAIS E PRÁTICAS CULTURAIS LOCAIS NA
DISTRIBUIÇÃO DO PESCADO NO VER-O-PESO PARA A PORÇÃO
CONTINENTAL DA CIDADE DE BELÉM-PARÁ

Luiz de Jesus Dias da Silva, Carmem Izabel Rodrigues

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas culturais locais nas redes de comercialização do pescado que se concentra no local denominado popularmente de “Pedra”, no Complexo Ver-o-Peso na cidade de Belém, pescado esse que é distribuído em sua malha urbana, com enfoque nas redes de sociabilidade e nas formas cotidianas de resistência aí implicadas. A partir de referenciais teóricos proporcionados por Penteadó (1968; 1973), Simmel (1973), Santos (1996) e Barnes, (1987), buscou-se desenhar a trama sociocultural na apropriação espacial local. Ao final foi possível traçar um gráfico georeferenciado do ponto tomado como referência espacial da pesquisa, a rede comercial do pescado dentro da malha urbana continental de Belém, com distâncias lineares da rota do pescado, do Ver-o-Peso às feiras e mercados de Belém, e a rede social tecida nesse processo, bem como a posição de atores que compõem os nós dessa rede, desde o produtor (pescador) até o consumidor final.

Palavras-chave: apropriação do espaço, redes sociais, pescado, feiras

Introdução

A população da Amazônia tem uma relação de dependência, direta e tradicional com seus rios, suas margens, portos, sua rede hidroviária formada pela caudalosa massa que interliga cidades e localidades ribeirinhas, servindo desse modo para escoamento de produtos, mercadorias, transporte de pessoas e influenciando nas suas relações sócio-econômicas e culturais.

A riqueza oferecida pelos produtos extrativistas a partir dos rios vem a sistematizar a importância dessa relação para vida do amazônida. Furtado (1987, p.24) comenta a singularidade da Região, “sobre a qual há um consenso geral, que se manifesta tanto no plano geográfico como ético e cultural”.

A cidade de Belém possui *excelente posição geográfica* (Penteadó, 1968, p.38) e se insere nesse contexto de influência fluvial da Região. Marcada por sua localização na confluência dos rios Guamá e Pará, possui portos das mais variadas capacidades e funções que podem ser simples pontos de embarque e desembarque de passageiros e de carga, chegando até aos de compra e venda de mercadorias. A ligação de Belém, através de seu porto, com o “*hinterland*” paraense se dá pela navegação fluvial, na grande bacia amazônica

(Penteado, 1973, p.147), onde existe o porto principal e outros secundários, garantindo que produtos dos mais diversos tipos circulem entre a capital e as cidades do interior.

Há um local, na cidade com destaque histórico e que também funciona como porto, ponto comercial e turístico de ampla importância socioeconômica e cultural à cidade. É o Complexo Ver-o-Peso, mais conhecido como feira do Ver-o-Peso, onde se observa que, após seus 385 anos de existência, há um segmento que de certo modo resiste no local, em um enfrentamento à modernidade logística e tecnológica disponível no Século XXI, sofrendo pressão por parte do Poder Público para sua mudança e até seu término, que é o entreposto de pescado ali existente, conhecido como “pedra do peixe” ou simplesmente “pedra”.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas culturais e as redes de comercialização do pescado que se concentra diariamente nesse local denominado popularmente de “pedra”, no Complexo Ver-o-Peso na cidade de Belém, para ser distribuído em sua malha urbana, e de modo específico às questões socioeconômicas, de apropriação do espaço, cultura e de resistência, aí implicadas. Como resultado foi possível descrever a trama sociocultural na apropriação espacial local, traçar um gráfico georeferenciado da rede comercial, dentro da malha urbana continental de Belém, com distâncias lineares da rota do pescado a partir do Ver-o-Peso às feiras e mercados de Belém, e a descrição da rede social tecida nesse processo, bem como a posição de atores que compõem os nós da rede, desde o produtor (pescador) até o consumidor final.

Inicialmente há uma contextualização da temática justificando sua importância e trazendo as práticas culturais e as redes sociais no espaço do Ver-o-Peso como entreposto pesqueiro. Depois há uma abordagem descritiva, mais específica e analítica da rede comercial e as redes sociais existentes nesse processo de recepção e distribuição de pescado a partir da “Pedra”, onde se apresentam os resultados dessa análise em forma de gráfico e de diagrama. Nas considerações finais estão as observações, e conclusões parciais, uma vez que a pesquisa está em curso e que neste texto só foi possível analisar as questões propostas a partir de dados secundários e da observação participante na “Pedra”, com entrevistas informais com atores partícipes do processo em estudo.

1. Apropriação de espaço e redes de sociabilidade em discussão

A cidade de Belém como território geográfico que abriga a “pedra” e sua rede de relações iniciada nos distantes locais de pesca e tecida neste lugar, tem o envolvimento de muitos grupos informais ou institucionais que formam essas conexões, onde é possível observar, a partir de uma centralidade comercial-geográfica, os fluxos de convergência para

diferentes pontos de venda, que atuam como “nós” dessa rede, que culmina por atingir toda a população consumidora do pescado.

Nessa grande rede comercial há o aspecto físico ou o lugar dinâmico onde houve a apropriação secular para uso como entreposto pesqueiro, lugar no qual o fenômeno ocorre e o aspecto social traduzido pelos partícipes dos eventos, tecidos pela rede. Desse modo, as pessoas envolvidas nessa rede de trocas circulam em uma relação dinâmica que vai sucintamente do meio físico ao social, na troca ou comercialização do pescado. Para Santos (1996, p.215) é no nível do local, ou “lugar” que os “fragmentos de rede ganham uma dimensão única e concreta socialmente”. Isso permitiria responder questionamentos advindos da trama das redes sociais imbricadas nessa distribuição na área continental de Belém e por outro lado o porquê de haver resistência em manter nesse lugar tão exíguo e de certo modo sem a infraestrutura que a modernidade oferece esse entreposto de mercado, considerando que o Estado do Pará é o segundo maior produtor de pescado do Brasil.

A ambiência urbana espacial produzida e reproduzida constantemente pela sociedade é um tema instigante e o Ver-o-Peso é uma fonte referencial para esses estudos. O intenso movimento das compras, por atacado, de muitos produtos como as frutas regionais e o pescado por pequenos comerciantes que os revendem nas feiras, mercados e outros pontos da capital paraense e de outros recantos, desperta grande interesse em entender as formas de circulação desses produtos, especialmente no caso do pescado que desembarca na “Pedra” para sua distribuição em Belém ou onde houver demanda. O impacto no cenário local se difunde por toda a malha urbana da cidade.

O modo como se processa esse sistema, da captura à comercialização do pescado, tece uma rede de relações rica em sociabilidades. O pescado retirado do mar e dos rios da região para abastecer consumidores que são apreciadores desse gênero alimentício, traz consigo a marca de muitas interações empreendidas entre pescadores, ajudantes, pilotos e outros tripulantes, comerciantes, balanceiros, geleiros, encarregados, proprietários, geladores, viradores, carregadores, peixeiros e muitos outros atores sociais que participam diariamente de eventos que culminam com sua compra e venda, tendo o Poder Público sempre nas suas proximidades visando o controle quantitativo e qualitativo do produto, onde a higiene é um ponto muito fiscalizado pela Vigilância Sanitária.

Contestando essas formas mais antigas e “tradicionalistas” de comercialização do produto, alguns segmentos sociais e setores específicos do Governo pressionam por mudanças, que já foram materializadas em ocasiões anteriores, como no ano de 1996, quando se construiu um grande entreposto flutuante de pescado, todo metálico, que pouco foi usado

por problemas técnicos, sendo logo desativado. Neste ano de 2012 há novamente um movimento do Poder Público no sentido de criar um novo terminal pesqueiro em nome da modernidade, o qual está sendo construído na Rodovia Arthur Bernardo, às proximidades do Terminal Petroquímico de Miramar, trazendo o questionamento sobre se a “Pedra” vai resistir a essa nova investida do Poder Público.

As abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa apoiam-se no conceito de rede social, imbricada no processo que inicia com a pesca marinha ou fluvial, passa pela comercialização do pescado que chega diariamente na Pedra do Ver-o-Peso em Belém – que resiste culturalmente em detrimento às pressões advindas da modernidade – e culmina com sua distribuição no meio urbano continental da cidade.

O conceito de rede social é utilizado para analisar e descrever processos sociais que envolvem conexões que ultrapassam os limites dos grupos e categorias (Barnes, 1987, p.163). Além de Barnes, o referencial conceitual e teórico sobre rede social baseia-se em Mitchel (1969), Bott (1976) e Wellman (1983) que trouxeram as possibilidades de análises utilizando a noção de rede nos aspectos metafórico, analítico e tecnológico, como destaca Silvia Portugal (2007). As contribuições desses autores trouxeram a clareza de que se vive em um mundo articulado por redes e que é possível relativizar espaços dentro das ordens locais e globais, que se interpenetram, utilizando como base esses princípios. A rede a ser abordada nesta pesquisa tem uma conotação social que se materializa em espaços geográficos e de centralidades, com dimensões relativas, que pode ser a “pedra”, a conexão desde os locais da pesca ou toda a área continental de Belém.

Estudos anteriores sobre o Ver-o-Peso (Lima, 2008; Leitão, 2010) destacam seu referencial espacial e simbólico, suas práticas econômicas e culturais, seus fluxos de bens de consumo que entram e saem, diariamente, daquela feira que funciona como um porto de entrada e ao mesmo tempo, um ponto de distribuição diária de produtos. Contribuem no referencial teórico sobre a “pedra”, o porto e o Ver-o-Peso, no contexto de centralidade geográfica e econômica, as obras de Antônio Rocha Penteado, “Belém do Pará: estudo de geografia urbana” (1968) e “Sistema Portuário de Belém” (1973). Na primeira o autor marca a geografia brasileira com a especificidade dos estudos de geografia urbana, tomando Belém como objeto, exaltando a sua localização privilegiada no contexto físico da Região. Na segunda obra o autor detalha esse privilégio físico através do sistema portuário da cidade.

Historicamente, o complexo Ver-o-Peso iniciou a partir da necessidade de controle tributário nos idos do Século XVII pela administração do Brasil-colônia, como um pequeno posto de controle das mercadorias que entravam ou saíam da região; com o passar

dos tempos foi crescendo e se transformando lentamente, mas com certa complexidade, nesse conjunto de prédios, feiras e mercados, onde diariamente a população se aglomera para satisfação de suas necessidades em um ambiente de circulação, trocas e outras relações sociais. Segundo Campelo (2010, p.43) “a área do Ver-o-Peso atual foi concluída em 1913 com o término da construção do porto de Belém, que aterrou extensa faixa da orla, da antiga doca do Ver-o-Peso até a doca do Reduto [...]”.

Como o local que concentra a distribuição do pescado em Belém, a “pedra” passa a ser um elemento de importância central nesta pesquisa, vindo a representar a centralidade das redes de relações sociais existentes no processo de recepção e distribuição do produto, mas principalmente por ser o espaço agregador dessas relações, tendo a feira do Ver-o-Peso como cenário de fundo. Quando os habitantes de Belém pensam em um prato à base de peixe, o pensamento vai logo ao mercado de ferro, e quando procuram maior quantidade do produto, o referencial é a “pedra”, pois lá tem preço bom no atacado.

A recepção concentrada do pescado na “pedra” se dá também pela necessidade que o Poder Público tem de exercer o controle sobre esse produto tão importante para a alimentação e a economia local. A Prefeitura de Belém, através de sua Secretaria Municipal de Economia – SECON é responsável pela tarefa de fiscalizar a origem, variedade, qualidade, quantidade e destino do pescado. Setores mais elitistas e conservadores da sociedade local, por outro lado, emitem eventuais críticas às condições sanitárias da feira e do mercado, cogitando a transferência de suas atividades para localizações menos centrais e de menor visibilidade, o que atesta o impacto do seu uso e a forte vitalidade de suas práticas.

Dados do Departamento de Mercados Feiras e Portos (DMFP/SECON) da Secretaria Municipal de Economia apontam que esse complexo recebe o pescado por via fluvial e por via rodoviária, e que foi iniciado em março de 2010 um levantamento quantitativo e qualitativo sistemático do que é ofertado na “pedra do peixe”, com o objetivo de controlar esse processo. Constatou-se, através de dados disponíveis, que no ano de 2010 a média mensal desse produto que chegou para ser comercializado no local foi de 409.766Kg.

Em pesquisa *in loco* foi observado que numa embarcação que chega à “pedra” desembarca diariamente uma quantidade demandada naquele dia, no entanto quando sua capacidade de carga é maior que a procura, isso faz com que fique ancorada por mais um, dois e até três dias, quando o pescado fica armazenado no gelo – do barco – até a comercialização plena. A partir da “pedra” o pescado é difundido para os mercados, feiras, grandes e pequenos consumidores de Belém e outros compradores de municípios próximos e até mesmo de estados do Nordeste brasileiro.

De trinta e quatro feiras livres cadastradas pelo Departamento de Mercados, Feiras e Portos da Secretaria Municipal de Economia- SECON, na região continental foi observado, preliminarmente, que em vinte dessas feiras há comercialização do pescado e dezoitodelas – equivalente a 60% – se abastecem na “pedra do peixe”. Em outras nove feiras existem mercados apropriados para venda de peixe ou o pescado não é comercializado nos equipamentos das feiras livres (SECON, 2011). São equipamentos, tal como entendido pela SECON, as barracas e seus balcões de exposição e venda. Dentre essas feiras da região continental somente duas não se abastecem no Ver-o-Peso, são as feiras da Rua São Domingos no bairro da Terra Firme e do Porto da Palha na Condor.

Quanto aos mercados, a SECON possui levantamento consistente do volume de pescado comercializado na capital paraense. Com base nos dados de 2009 e 2010, foi possível observar que alguns mercados deixaram de comercializar o pescado ao longo do tempo e que há um efetivo acompanhamento e fiscalização do Poder Público Municipal no sentido de não permitir a evasão desse produto de modo aleatório para outros centros consumidores que muito pressionam nesse sentido. De acordo com esses dados, o Mercado de Ferro foi o que mais comercializou o pescado nesses anos, representando cerca de 34,14% do total em 2009 e 31,09% do total comercializado em 2010, ficando sempre próximo de 1/3 do quantitativo global.

2. Pedra do peixe no Ver-o-peso e a rede social do pescado

A feira do Ver-o-Peso é tida por muitos feirantes como “*a mãe de todas as feiras de Belém*”, como uma espécie de matriz das demais feiras da cidade e o senso comum ratifica isso, com a denominação mais famosa ou conhecida nacionalmente, que é “Feira do Ver-o-Peso”. Mas para o Poder Público é um complexo econômico e cultural, o qual denominam de “*complexo do Ver-o-Peso*”, “local onde pessoas se reúnem diariamente para vender, comprar e trocar mercadorias de diversificados gêneros” (Silva& Rodrigues, 2011, p.33), “chegando a cerca quatro mil pessoas aglutinadas por dia” (Lima, 2010, p.70) naquele espaço, “que também se constitui num verdadeiro mercado de bens simbólicos”(Silva, 2010, p.201).

Ver-o-Peso é local de comercialização, centralidade espacial e econômica, símbolo da cidade, mas também de resistência às pressões modernizadoras e globalizantes, como comenta Campelo (2010, p.43):

O Ver-o-Peso apresenta as várias faces de uma região que teima em resistir à pressão homogeneizadora da memória nacional. Mantendo-se ainda como centro do abastecimento comercial da cidade apesar de existência de

grandes supermercados e postos atacadistas, transformou-se no símbolo de Belém. Muito mais do que um complexo arquitetônico, é um lugar cultural e humanístico, onde são perpetuadas as relações de troca que caracterizam as cidades portuárias e evidenciam a tendência comercial que a cidade apresenta desde sua origem (Campelo, 2010, p. 43-44).

A cidade de Belém como território geográfico que abriga boa parte da rede social tecida nesse contexto de pesquisa tem o envolvimento de muitos grupos informais ou institucionais como partícipes dessa conexão. Onde se observa a centralidade comercial-geográfica convergente para diversos pontos de venda, os quais são como nós dessa rede, onde em cada nó existem outras redes formadas pelos atores sociais, culminando por atingir toda a população apreciadora do pescado. Pessoas movidas numa relação dinâmica que vai do meio físico ao social, na troca ou comercialização do pescado. Para Santos (1996, p.215) é no nível do local, ou *“lugar”* que os *“fragmentos de rede ganham uma dimensão única e concreta socialmente”*.

A figura 1 apresenta a Belém continental com sua divisão em bairros, e a trajetória, em linha reta, das feiras e mercados abastecidos de pescado advindo da *“pedra”* do Ver-o-Peso. Vale salientar que nem todos esses pontos abastecem-se de pescado na *“pedra”*, mas não deixam por isso de ser referência quanto à oferta desse gênero alimentício na cidade. Pode ser observado que as setas indicam a irradiação a partir do Ver-o-Peso, com distâncias lineares, que embora não representem o trajeto e a distância física exata pelas vias de acesso no espaço intra-urbano, no entanto representam as rotas partir da *“pedra do peixe”*, estabelecendo sua configuração urbana ou física em Belém e dando uma idéia da ampla rede tecida na cidade, onde em cada nó dessa rede há pessoas que formam outras redes na realização das trocas, compras e vendas. Trata-se de um diagrama incipiente do mapeamento das centralidades comerciais da cidade e de seu entorno ou a centralidade desse processo na micro-economia relativa ao pescado em Belém. Nessa figura aparece a região continental de Belém com as divisões dos seus bairros e setas partindo do Ver-o-Peso para as feiras, representadas por círculos, e os mercados, representados por triângulos, onde se comercializa o pescado que desembarca na *“pedra”*.

Essa distribuição desde a *“pedra”* se irradia por toda a malha urbana da cidade, de modo a se aproximar da população consumidora nos bairros ou sub-centros, através das feiras, mercados e mais recentemente dos supermercados, onde a comercialização se faz com frequência, havendo até promoção semanal, com preços convidativos. O modo como essa distribuição ou irradiação se materializa, tece uma rede que pode ser visualizada graficamente na figura 1, e, vai muito além pelas relações sociais aí implícitas.

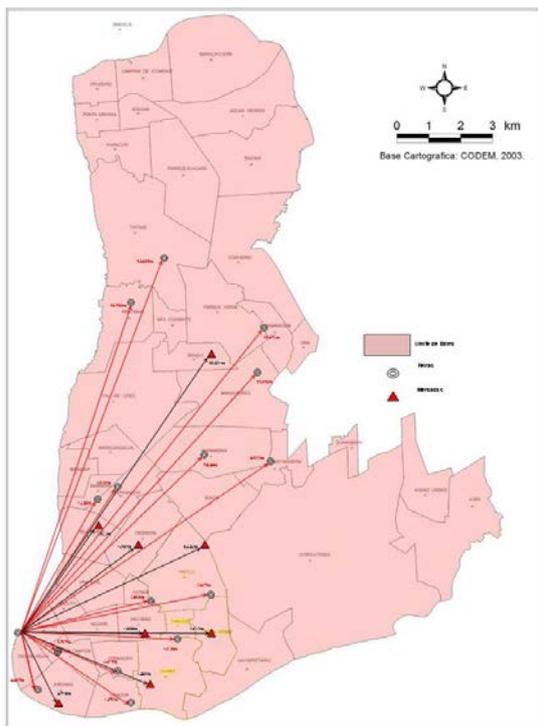


Figura 1 – Feiras e Mercados em Belém onde comercializam pescado vindo da Ver-o-Peso formando uma rede na cidade, representando a centralidade desse processo na micro-economia relativa ao pescado

Fonte – Silva e Rodrigues a partir de CODEM/2003 e de GOOGLE/2011.

Malha urbana, para efeito dessa pesquisa, se entende como sendo a morfologia do espaço intra-urbano, de outro modo é o emaranhado de vias que se transformam em bairros, neste caso específico representando a rede física do processo de distribuição do pescado em Belém. Mas a rede social formada para esse fim, desde a origem desse pescado extraído “lá fora” nos rios e nas costas marítimas com muito sacrifício, tendo a Pedra como ponto de concentração e comercialização por atacado, para irradiação ao meio urbano, chegando aos locais de consumo popular, mobiliza muitas redes e seus atores sociais.

A figura 2 apresenta um diagrama geral da rede social tecida desde a pesca nos rios e litoral até o consumidor final. Nela pode-se observar o diagrama que representa a rede social existente na comercialização do pescado tendo como centralidade espacial e econômica a “pedra” do peixe no Ver-o-Peso. Tanto no processo de pesca em água doce como na pesca marinha, existe a figura do comerciante, uma espécie de empreendedor que compra toda - ou boa parte - da produção local e revende para o regatão. Por vezes ele é o proprietário dessa embarcação, a qual leva até a “pedra” do peixe, no Ver-o-Peso, onde há uma centralização dessa rede de recepção e distribuição do pescado, seguindo para toda a

cidade de Belém. Mas o regatão pode também ser o próprio barco de pesca que chega ao Ver-o-Peso para vender diretamente o pescado retirado das águas pela tripulação.

Existem locais nas sedes de alguns municípios, principalmente nos portuários, que têm a tradição de concentrar a compra da produção dos pescadores para encaminhar à venda em Belém ou para outros recantos do país, como a cidade de Vigia de Nazaré, de onde vêm vários barcos ou caminhões frigoríficos para abastecer a “Pedra”.

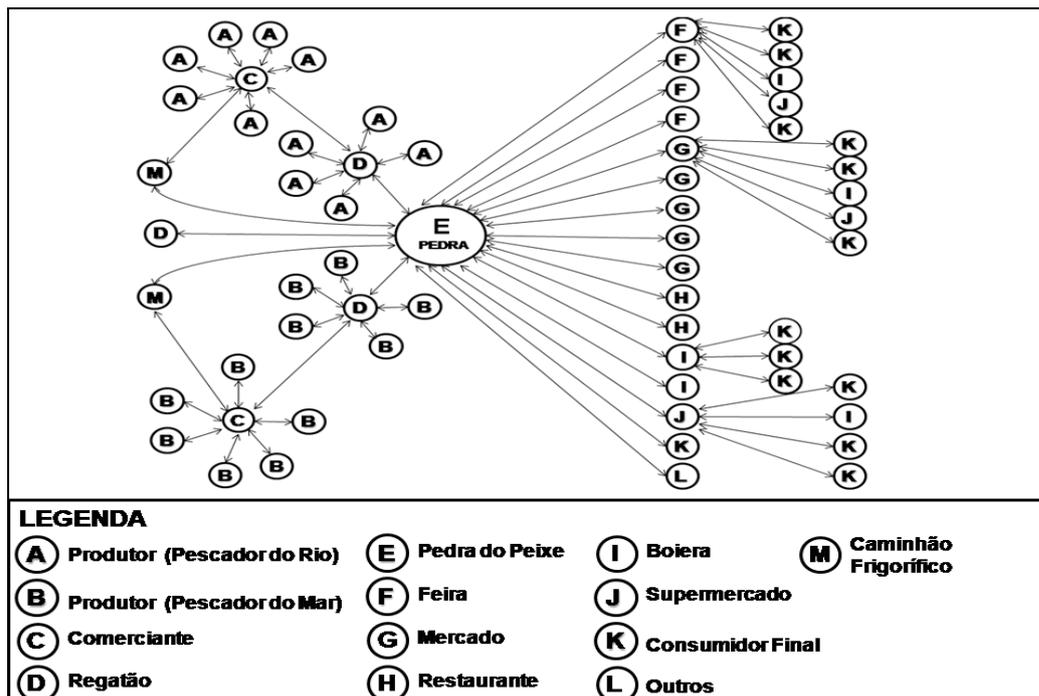


Figura 2 - Diagrama representando a rede social existente na comercialização do pescado tendo como centralidade espacial e econômica a pedra do peixe no Ver-o-Peso, em Belém. Fonte - Autor, 2012.

Essa grande rede social, como pode ser observado, possui muitas outras redes imbricadas, onde um “nó” pode representar parte de outra rede. O diagrama apresenta a “pedra” (E) como elemento central onde estão as pessoas que recebem o pescado do regatão (D), que por sua vez recebe do comerciante (C) ou retira-o do mar ou rio. Há também o abastecimento por caminhão frigorífico (M) que compra do comerciante (C) para vender na “pedra”. O produtor ou pescador do rio (A) ou do mar (B) vende sua produção para o comerciante, porque é mais simples, “*não paga imposto, não tem complicação*”, além de que sua estrutura e rede social são limitadas, por isso não conseguiria vender sua produção muito longe, como pode ser observado na figura 3, onde aparecem dois diagramas com dois tipos de redes sociais que ocorrem nas pequenas embarcações tipo canoa de pesca; o primeiro inclui a figura do proprietário (A), que pode delegar o comando ao encarregado (B) que tem

sua tripulação composta por um piloto (C) e por um meeiro (D); o segundo diagrama inclui a figura do ajudante (E), que pode ser mais de um, conforme a capacidade da canoa. O encarregado de uma embarcação é o comandante da tripulação, responsável pelas operações dentro e fora do barco, é de plena confiança do proprietário, ficando responsável pelos equipamentos desse. Na maioria das vezes “os proprietários não vão ao mar para pescar, a não ser eventualmente” (Furtado, 1987, p.259) e nesse caso a figura do encarregado desaparece.

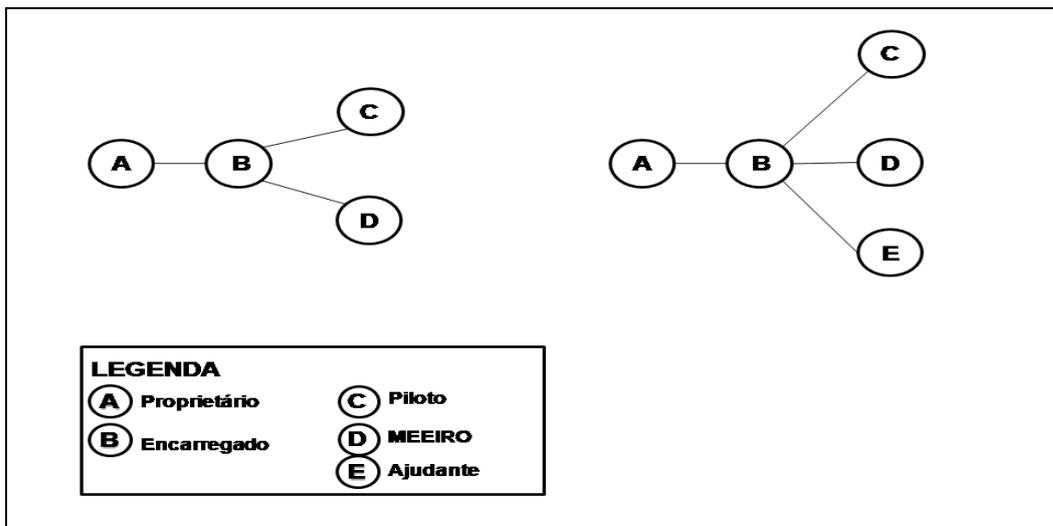


Figura 3 - Diagrama representando a estrutura e rede social existente em uma canoa de pesca em Marudá.

Fonte - Autor, 2012 a partir de Furtado (1987: 261).

A figura 4 apresenta um diagrama de rede social na “pedra”, onde pode ser observado que a figura inicial ou central dessa trama é o balanceiro (A); ele faz o papel de intermediário entre o barqueiro ou encarregado - que nesse ponto recebe a denominação de geleiro (B) - e o comprador (G); o barqueiro representa o proprietário da embarcação, às vezes é o proprietário que viaja no comando o barco e nesse caso não é necessária a figura do encarregado. Mas é o encarregado que negocia o preço com o balanceiro (A) e traz consigo a figura do gelador (C), o qual retira o peixe das urnas internas da embarcação, classifica-o por espécie e o coloca em basquetas para serem levadas do barco à “pedra”, onde o produto é colocado na caixa do carregador (E) e pesado na balança, sob os olhares atentos do balanceiro e de um seu auxiliar ou conferente (F) e do geleiro. A figura do virador (D) é essencial nesse processo, pois ele trabalha com o balanceiro, sendo geralmente parente deste ou seu conhecido há bastante tempo, em quem o balanceiro deposita muita confiança (Corrêa & Leitão, 2010, p.113).

manifestação desses atores sociais no sentido de serem ouvidos quanto à construção – obra em andamento –, do terminal pesqueiro de Belém, sob o comando da Superintendente Federal da Pesca no Pará. O Terminal Pesqueiro está em fase final de construção com obra orçada em “mais de 34 milhões de reais para uma área total construída de 15 mil metros quadrados, preparado para processar mais de 150 toneladas por dias de pescado, contemplando unidade de beneficiamento, fábrica de gelo, armazém frigorífico com capacidade de mais de 600 toneladas” (Bordalo, 2012, p.1). Houve uma audiência pública na plenária da Assembleia Legislativa do Estado do Pará – ALEPA, no sentido de discutir a questão do terminal pesqueiro em obra, ouvindo assim as partes envolvidas.

De acordo com a proposta do Ministério da Pesca, responsável pela administração do projeto, o Terminal do Tapanã deverá ser implantado até o final do ano (Cunha, 2012, p.1). Segundo Cunha, na audiência realizada na ALEPA em 7 de maio de 2012, houve amplo debate e encaminhamentos para não permitir o término das atividades de entreposto de pescado na “Pedra”, e nesse sentido a comunidade envolvida propõe um projeto de reformulação espacial do local, pois

[...] a preocupação dos trabalhadores está no que diz o artigo 12 do Decreto Presidencial nº 5. 231/2004, que oficializa a criação dos terminais. Segundo o artigo, com a implantação do novo terminal no Tapanã, antigos terminais, como o Ver-o-Peso, deverão ser descaracterizados. Segundo o presidente do Sindicato dos Peixeiros, Fernando Souza, o projeto propõe a implantação de uma balsa na Doca do Ver-o-Peso com infraestrutura para os barcos atracarem e por onde deverá ser feita toda a comercialização do peixe, assim como a fiscalização e a higiene. “Não podemos competir com o Terminal Pesqueiro de Belém e também não somos contra, mas não podemos concordar da forma como está sendo implantado”, disse ele, ao informar que já foram realizadas reuniões para discutir o assunto em Brasília com o ministro da Pesca, Marcelo Crivella (Cunha, 2012, p.1).

Assim é possível refletir que a pressão empreendida pelo Poder Público em relação às atividades de recepção e distribuição do pescado na “Pedra”, pode trazer consequências ainda não previsíveis, pois segundo pesquisa com engenheiros do canteiro de obras do novo Terminal Pesqueiro de Belém, na Rodovia Arthur Bernardes, a obra está prevista para conclusão no ano de 2012, embora haja “pequeno” atraso no cronograma. O que leva a refletir que em curto espaço de tempo haverá mudanças nesse processo que se realiza na “Pedra” há séculos no mesmo formato.

Talvez fatores culturais e identitários existentes em relação ao Ver-o-Peso e a “pedra” do peixe possam influenciar nos aspectos técnicos, o suficiente para que se encontre um meio de iniciar a operacionalização do novo Terminal Pesqueiro de Belém sem que para isso sejam desativadas as instalações e atividades de entreposto pesqueiro da “pedra”. O fato

é que apesar da importância social e simbólica aí existente, há o contraponto de que novas tecnologias e logísticas são disponíveis há tempos, onde pode haver homogeneidade, pode também existir atenção às especificidades.

3. Considerações Finais

Esse “*paper*” apresentou algumas facetas de um trabalho maior em andamento, mas que tem essa temática como foco principal, cada passo no sentido de investigar as atividades de distribuição do pescado em Belém interessa para a ampliação da pesquisa; no entanto esse ensaio abre precedentes para novas discussões e contribuições nesse sentido. A pesquisa destacou a importância da “rede” formada no processo diário de comercialização do pescado em Belém, a partir de um lugar de centralidade econômica representado pelo Ver-o-Peso, e sua distribuição na malha urbana da cidade, tecendo uma rede social complexa que clama por pesquisas em diversos campos de conhecimento, destacando-se aqui alguns aspectos sócio-antropológicos desse grande mercado.

Foi possível discutir o modo como é tecida a rede comercial do pescado em Belém e as redes sociais derivadas dessa trama maior, desde a extração do pescado até o consumidor final, e apesar do aparente senso comum há demonstração de coesão e tradição, construída pelo viés cultural do fazer humano coletivo. Esse sistema de trocas baseia-se em princípios como a reciprocidade e a redistribuição (Polanyi, 2000), sempre presentes onde as relações de parentesco, compadrio, amizade e conterraneidade tangenciam, cruzam-se ou interferem diretamente no sentido das trocas comerciais cotidianas, onde os diversos atores sociais reconhecem seus lugares e funções específicas nessa trama social, ainda que a figura do balanceiro – tão mal vista como atravessador e grande culpado pelas “*altas do preço*” – também é de suma importância no processo, pois se dispõe a intermediar a venda do geleiro ao comprador em uma linguagem realmente eminentemente apropriada para tal transação e nesse processo existe uma “*gama*” de trabalhadores que dependem dele.

Foi possível expressar graficamente a rede social de distribuição do pesca em Belém e a rede social de parte da “pedra” onde cada personagem social aparece cumprindo sua tarefa que culmina com a venda ao consumidor final que por sua vez degustará o “*peixe fresco do Ver-o-Peso*” ou “*peixe fresco da maré*”.

O estudo das redes sociais, embora tenha sido iniciado em meados do Século XX, ainda precisa ser mais debatido, pois tem sua importância no contexto das ciências sociais e conseqüentemente nas análises e tendências atuais das relações humanas. Relações humanas

coletivas como essas promovidas diariamente na distribuição do peixe em Belém são passíveis de receber influência temporal e local, mas se observa que mesmo com a modernidade oferecendo estudos de logística e tecnologia de ponta para tais processamentos, há uma forte tendência à permanência *desse modus operandi*, em resistência que perpassa pela tradição cultural e a acomodação típica de zona de conforto, onde estão os atores sociais aí envolvidos.

É importante ressaltar que a pressão exercida pelos governantes para que se modernize o sistema empregado há tempos, nesse processo de recepção e distribuição do pescado na “pedra” vem ganhando força ao longo do tempo, a ponto de haver previsão para o término das obras do novo Terminal Pesqueiro no final do ano de 2012. Sabe-se que já houve uma tentativa por parte do Governo Municipal nesse sentido, na década de 1990, a qual não obteve sucesso, por questões técnicas, mas o fato é que houve condições àquela altura para a instalação do terminal flutuante construído e inaugurado pela Prefeitura de Belém, e que hoje deveria estar em funcionamento. Nesse momento em que há um esforço do Governo Federal em “presentear” Belém com um novo terminal pesqueiro, é importante que a comunidade esteja atenta para evitar o término de uma atividade tradicional que retrata o modo ser do paraense e garantir, ao mesmo tempo, a conciliação dessa atividade na “pedra” com a operação do novo espaço em construção na Rodovia Arthur Bernardes, para o mesmo fim de entreposto pesqueiro, desde que sejam observadas as condições necessárias para sua implementação.

A própria organização do movimento dos trabalhadores que ali atuam diariamente esforça-se atualmente no sentido de apresentar um projeto alternativo, elaborado dentro dos parâmetros e normas técnicas vigentes, que seja exequível e garanta sua permanência no local. É importante que a tendência dos governantes em homogeneizar as atividades não consiga radicalizar ações de compatibilidade entre o tradicional - mesmo com adaptações à modernidade - e o moderno estático e sem vida, privando a população do contato com o pescado tão procurado e ofertado em Belém.

Referências

- ACIOLI, Sonia. **Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os fundamentos e conceitos.** Inf.inf., v12, n.esp.Londrina,2007.
- BARNES. John. **Social Networks.** Cambridge: Module 26 (1-29), 1972.

- BOTT, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.
- BORDALO, Carlos. **Notícias do dia 7 de maio de 2012. Audiência Pública sobre Terminal Pesqueiro de Belém**. Disponível em <http://bordalo13.blogspot.com.br/2012/05/blog-da-perereca-o-maior-problema-do.html>. Acessado em 31/8/2012.
- CAMPELO, Marilu. **Conflito e Espacialidade de um Mercado Paraense**. In: Leitão, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.
- CORRÊA, Márcio; LEITÃO, Wilma. **Pescadores, Balanceiros, Vendedores de Café: A comercialização do pescado no Ver-o-Peso**. In: Leitão, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**, Belém: NAEA/UFPA, 2010.
- CUNHA, Ana. **Notícias parlamentares de 7 de maio de 2012**. Ascom/Gab. Ana Cunha. ALEPA, Belém: disponível em <http://www.blogger.com/profile/01012366389720492582>. Acessado em 31/8/2012.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1998.
- FURTADO, Lourdes. **Currálistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará**. Belém: MPEG, 1987.
- _____. **Pescadores do rio Amazonas. Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: MPEG, 1993.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: ANNABLUME, 2005.
- LIMA, M. Dorotéia. **Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém**. Dissertação de Mestrado, PPGCS, UFPA, 2008.
- _____. **Patrimônio Cultural: os discursos oficiais e o que se diz no Ver-o-Peso**. In: Leitão, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 2010.
- LEITÃO, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 2010
- LOUREIRO, Violeta. **Os parceiros do mar. Natureza e conflito na pesca da Amazônia: Belém, CNPQ/MPEG, 1985**
- _____. **A Amazônia no Século XXI. Novas formas de desenvolvimento**. São Paulo. Empório do Livro. 2009.
- MITCHELL, Clyde. *The Concept and Use of Social Networks*. In: MITCHELL, J. Clyde *Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in xcentral African towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

- _____. *Social Networks*. Oxford: *Annual review of anthropology*, 1974.
- MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Praia (folclore do ver-o-peso)**. In: **Obras Completas**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.
- PENTEADO, A. Rocha. **Belém do Pará- estudo da geografia urbana**. Belém: UFPA, 1968.
- _____. **O sistema portuário de Belém**. Belém: UFPA, 1973.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- PORTUGAL, Sílvia. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Oficina do CES n.º.271. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf. Acessado em 5/9/2011.8:45h.
- _____. **O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços**. Coimbra: Revista crítica de Ciências Sociais, n.º.79 (35-56), 2007.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do Bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA, 2008.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SECON . Secretaria Municipal de Economia - SECON/PMB. Departamento de Feira e Mercados e Portos. **Arquivos sobre pescados**. Belém: 2011.
- SILVA, Luiz de Jesus Dias; RODRIGUES, Carmem Izabel. **“O peixe nosso de cada dia: a rota do pescado a partir da Feira Ver-o- Peso em Belém-Pará**. In. SILVA, Luiz de Jesus Dias da; PONTES, Juliano Pamplona Ximenes (org.). **“Urbanização e Ambiente: experiências de pesquisa na Amazônia Oriental”**. Belém: Paka-Tatu, 2011.
- SILVA, Tiago L. C. V. **Ver-a-Cor: um estudo sobre relações raciais no mercado de Belém**. In: Leitão, Wilma Marques. **Ver-o-peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 2010.
- SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In. VELHO, O.G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: contexto, 1998.
- WELMAN, Barry. *Sociological Theory*. Toronto: Universidade de Toronto, 1993.